



Figura 2 - Oficina de skate. Foto: Débora Wobeto

O Observatório do cotidiano: memórias da Vila Dique 2015

Carmem Zeli de Vargas Gil: Faculdade de Educação – UFRGS

Caroline Pacievitch: Faculdade de Educação - UFRGS

Acadêmica de Ciências Sociais: Débora Wobeto

Acadêmico de Educação Física: Sérgio Ferrarini dos Santos

Para Walter Benjamin (1994), quem narra uma história é portadora da sabedoria e resguarda a capacidade de trocar experiências. O filósofo alemão refletia sobre o impacto da violência da guerra perante a incapacidade de reviver e narrar experiências. A comunidade Vila Dique-Porto Novo sofreu e segue a sofrer inúmeras violências, que vão da

invisibilidade social ao tiroteio anunciado no fim da tarde. Mas resistem ao trocar experiências, ao narrar e mesclar presente, passado e futuro e, assim, construir sua própria sabedoria.

O Projeto Memórias da Vila Dique, cuja equipe é constituída de acadêmicos e de profissionais das áreas da saúde e educação, realiza práticas

de extensão com os moradores da Vila Dique, em Porto Alegre/RS, reassentados no Conjunto Habitacional Porto Novo desde 2009. A equipe também realiza estudos buscando acompanhar o que se passa na vida das pessoas quando ocorrem processos de remoção e reassentamento urbano.

O projeto está cadastrado no Portal da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROEXT/UFRGS), tendo como agente a Faculdade de Educação. Em 2011 e 2012, as atividades realizadas foram reuniões de estudos, caminhadas na Vila e rodas de memória com os moradores mais antigos. As rodas de memória foram intensificadas quando, em 2012, o projeto foi contemplado com recursos do Programa de Extensão Universitária (PROEXT 2012 – MEC/SESu). Nesse ano, foram compostos o Caderno de Memórias e o Caderno de Textos, sistematizando memórias (através da fotografia), falas dos moradores e aprendizagens da equipe.

Em 2013, também com recursos assegurados pelo PROEXT 2013 – MEC/SESu, as atividades do projeto foram direcionadas para o público jovem, com vistas à produção de um documentário em vídeo que cartografa as práticas culturais dos jovens entre o “novo” e o “velho” território. Em 2014, mantiveram-se as rodas de memórias e entrevistas e, com as histórias narradas pelos moradores, produziram-se marcas de memórias, ou seja, diferentes composições, retratando o patrimônio dos moradores e que foram apresentadas em praças e ruas, como também nos espaços das instituições.

Em 2015, após 5 anos e com a produção de três livros, dois documentários e mais de uma dezena de artigos, monografias e dissertações, o projeto esteve focado nos pequenos grupos que se formam no novo território, organizados em torno de uma prática ou um desejo que, de alguma forma, tem a ver com a apropriação deste novo território: grupo de skatistas e da horta comunitária, composto essencialmente pelas mulheres do Clube de Mães Margarida Alves, entidade de mães-mulheres que fizeram a Vila Dique.

Diversidade de olhares em 2015

Fundamentadas em reflexões sobre o papel da memória e da história, no contínuo processo de construção e reconstrução de identidades individuais e coletivas, as pessoas que participam do projeto optaram, em 2015, por diversificar olhares sobre as demandas da comunidade do Porto Novo. Dessa forma, os primeiros meses do ano foram dedicados à observação participante em diversos espaços da vila, como a Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo, o Posto de Saúde Santíssima Trindade, o Clube de Mães Margarida Alves, bem como os agrupamentos de jovens que se reuniam nas ruas para andar de skate e que eram acompanhados por alguns profissionais do posto de saúde.

A partir dessas observações, das discussões e leituras em grupo, as pessoas que se integraram ao projeto nesse ano decidiram participar de diversas atividades. Na EMEF Porto Novo foi desenvolvida uma oficina de musicalização infantil com estudantes de 8 a 11 anos de idade. Nesta oficina, junto com o ensino de noções musicais, foi produzido um tabuleiro de jogo com percursos imaginados pelas crianças a partir de suas vivências com os espaços da vila. O material reciclável para confeccionar os tabuleiros foi obtido em colaboração com a Unidade de Triagem Santíssima Trindade, na qual trabalham familiares desses estudantes. Durante as seções para a construção do tabuleiro, os estudantes questionavam as mudanças vividas por eles ou aprendidas nas histórias dos mais velhos. Violência e restrições (de espaço físico devido ao tamanho das casas ou de liberdade para brincar na rua) eram temas cotidianos nessa oficina.

Outra proposta acompanhou a retomada da horta comunitária em parte do terreno do Clube de Mães Margarida Alves. A iniciativa foi de um grupo de mulheres (algumas são integrantes do Projeto Memórias) que desejava compensar a falta de espaço nas casas e manter, reviver ou aprender a cultivar alimentos. Apesar das dificuldades com o clima e com a qualidade do solo, a horta manteve-se um êxito ao longo de todo o ano, produzindo

diversos alimentos toda semana, que eram compartilhados com a escola, o posto de saúde e a comunidade em geral. Durante os encontros para retirar as ervas daninhas, plantar, colher e preparar a terra, as mulheres trocavam relatos sobre a época em que viviam na zona rural, ou retransmitiam memórias de pais e avós.

Skate

As oficinas de skate do projeto Memórias da Vila Dique ocorrem todos os sábados de manhã, facilitadas por um bolsista de extensão do curso de Educação Física da UFRGS. As oficinas possuem diversas atividades além da prática de skate, entre as quais, os alunos dispõem de uma câmera para registrar manobras e momentos que julgam importantes. Uma vez por mês realizamos a amostra de vídeos, usando a estrutura do posto de saúde do Porto Novo, onde são mostrados vídeos dos próprios alunos, vídeos produzidos por outros skatistas, contando ainda com altas produções do mundo do skate. No entanto, a atividade mais esperada pelos participantes da oficina, são os passeios para as pistas de skate, que ocorrem em média uma vez a cada dois meses. A visita ocorre em tempo integral, acompanhado pelo professor/oficineiro.

Os objetivos das oficinas vão além da atividade física, apesar do skate ser o foco. Nas primeiras aulas foi possível identificar que há diversos problemas de relacionamento entre os alunos, como atitudes agressivas, enfrentamentos, dificuldade em dividir materiais, estranhamento em elogiar os colegas, enfim, diversas atitudes que constituem em desafios trabalhados nas oficinas. Dar atenção às relações, estimular a reflexão sobre as atitudes e modos de se dirigir ao próximo são questões que norteiam o andamento da oficina.

No ano de 2015, foram realizadas seis saídas de campo (pistas de skate), quatro amostras de vídeos e vinte encontros no Porto Novo. A atividade de saída a campo apresenta um caráter reflexivo para os alunos, pois leva os meninos para um mundo

diferente do qual estão acostumados dentro da sua comunidade, conhecendo e explorando diferentes lugares. Nas pistas de skate há oportunidade de encontrar outros praticantes, de diferentes classes sociais. Alguns ficam apáticos com esse contato, outros conseguem se relacionar bem, fazendo amigos em todos os passeios, e a unanimidade é que sempre voltam diferentes.

Nos meninos mais jovens não ocorre tanto estranhamento. No entanto, aqueles de doze anos ou mais procuram se comparar com outros skatistas da sua idade. Alguns começam a ter atitudes para chamar a atenção, como por exemplo, falar alto, tentar fazer manobras muito difíceis e menosprezar a habilidade de outros meninos que não fazem parte do grupo. Vale ressaltar que este comportamento não é constante, variando entre momentos de introspecção, quando buscam um local reservado em que possam observar o ambiente, as pessoas e seus comportamentos.

Os momentos de violência sofrida e praticada pelos jovens por vezes se relacionam com a falta de disponibilidade dos recursos materiais e escasso acesso a estruturas de oportunidades sociais, econômicas e culturais. Esta situação, gera desvantagens em busca da mobilidade social (VIGNOLI, 2001). As saídas a campo geram transformações nos participantes a partir do momento em que saem da comunidade e exploram novos lugares, começando a questionar ou reforçar sua cultura e hábitos. Numa das saídas realizadas em 2015, na pista de skate da cidade de Canoas, havia meninas praticando o esporte. Alguns ficaram surpresos com a habilidade que as skatistas demonstravam e a relação que possuíam com outros skatistas. Nesta situação, foi provocada a reflexão em relação à igualdade de sexos e desconstrução de padrões de gênero impostas pela sociedade.

As relações entre os jovens skatistas são instáveis, o afeto muitas vezes é demonstrado de maneira violenta, com brigas e conversas agressivas. Há enfrentamentos e competitividade entre eles, assim como ocorre com outros jovens da mesma idade. No entanto, o ambiente hostil que vivem pode gerar

algumas atitudes agressivas, que são expressadas tanto em momentos de afetividade como em situações de desentendimentos. Estimulá-los para o protagonismo no seu processo de desenvolvimento é alternativa para superar a vulnerabilidade, extraindo o ambiente de incertezas e inseguranças (CASTRO et al., 2001).

Grande parte das atividades planejadas para 2015 na oficina de skate foi realizada, atingindo diretamente na prática do skate em torno de vinte e cinco meninos da comunidade, com uma média de dez alunos participando semanalmente das aulas. Nas saídas a campo, quatorze crianças diferentes participaram, tendo a oportunidade de conhecer diferentes lugares e pessoas. Para o ano de 2016, o objetivo é produzir com os participantes uma exposição de fotos na UFRGS, álbum de fotos e vídeo de skate, a fim de reforçar o trabalho em grupo, a produção independente e a valorização

das suas habilidades. Enfim, o projeto no ano de 2015 produziu aprendizagens, questionou comportamentos e incentivou a proposta de novas ideias para serem realizadas em 2016, mantendo as atividades realizadas no ano anterior.

E o futuro?

Destaca-se portanto, a dimensão pedagógica da extensão que vai além de uma atividade fora dos muros da universidade. Talvez se possa nomear esse projeto de “um encontro”, encontro com os moradores da Vila Dique e do Conjunto Habitacional Porto Novo, encontro com outras áreas de conhecimento e, também, um encontro dos acadêmicos com os desafios do fazer-se educador com os grupos populares e, desta forma, ampliar o espaço do conhecimento acadêmico e comunitário na arena pública. ◀

Referências

ALMEIDA, Fernanda S de et al. Memórias da Vila Dique: Extensão popular, rodas de memória e remoções urbanas. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 6, n. 13, 2014.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M., RUA, M. G. e ANDRADE, E. R. **Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza**. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

GIL, Carmem Zeli de Vargas et al (org.). **Memórias da Vila Dique**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

GIL, Carmem Zeli de Vargas (org.). **Do Porto Novo a Vila Dique: extensão popular, rodas de memórias e remoções urbanas**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Patrimônio e ensino de história: reflexões sobre a remoção de uma vila de classes populares. In: FRAGA, A. et al. (org.). **Ensino de História no Cone Sul: patrimônio, território e fronteiras**. Porto Alegre: Evangraf, 2013, p. 147-162.

GIL, Carmem Zeli de Vargas Gil; MANO, Maria Amélia Medeiros. Memórias da Vila Dique: O que nos toca, o que me toca. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Coletânea de Experiências em Extensão Popular**. João Pessoa, 2013.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Modos de morar e memória. Mas eu não contei tudo. Fiz muita história mais por aí. Encaminhado para publicação eletrônica na Série Patrimônio Cultural e Extensão Universitária do IPHAN, 2014.

MANO, Maria Amélia M.; WOBETO, Débora. Caderno de Saberes: aprendendo histórias do Porto Novo. **Revista de APS**, v. 18, p. 512-518, 2015.

VIGNOLI, J.R. **Vulnerabilidad y grupos vulnerables: un marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes**. Santiago de Chile: CEPAL, 2001. (Serie Población y Desarrollo, n.17). Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.